



## TEM EXU DO LADO DE LÁ, MAS TAMBÉM TEM EXU DO LADO DE CÁ: O CANDOMBLÉ E A UMBANDA EM PORTUGAL

Luís Cláudio Cardoso Bandeira \*

### 1. Laroîê Exu: circuitos de identidades e religiosidades a partir do Ceará

A presente pesquisa, atualmente em desenvolvimento, dentro da perspectiva dos Estudos Culturais, tem como ponto de partida, investigar as tradições culturais africanas no Ceará, tomando como foco às “nações” de candomblé ligadas aos cultos Nagô-Vodum e Ketu, atuantes na Grande Fortaleza. Nossa perspectiva é apreender laços identitários historicamente construídos em “rotas e raízes”<sup>1</sup>, assim sendo, ao historiografar os terreiros Ilê Igba Possun Azeri, Ilê Osun Oyeyé Ni Mó e Ilê Axé Oloyoba, que são segundo depoimentos de babalorixás, yalorixás e iniciados, casas fundadoras desses cultos no Estado, identificarmos características básicas das religiões e tradições afro-diaspóricas no Ceará, que antecedem o candomblé. Nos deparamos com indícios de memórias e percursos trilhados por mães-de-santo (yalorixás) em movimentos transatlânticos.

Esclareço que minha exposição aqui é um corte da pesquisa de campo realizada em Portugal, enquanto bolsista do Programa Internacional de Bolsas de Pós-Graduação da Fundação Ford e tem como objetivo historiografar três terreiros de candomblé localizados na Grande Lisboa, além da expansão das religiões afro-brasileiras em seu processo de transnacionalização,

---

\*Professor de História e mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Bolsista do Programa Internacional de Bolsas de Pós-Graduação da Fundação Ford. lclaudiobandeira@yahoo.com.br

<sup>1</sup> Expressão de Paul Gilroy



sendo que, este fenômeno em terras lusitanas está intrinsecamente relacionado com a migração feminina portuguesa.

No que se refere ao Ceará, ao nos apoiarmos em memórias e na história oral de candomblecistas, tais como Cleudo Junior (1999, 2008), ficou evidenciado o *deslocamento de yalorixás que foram do Ceará para o Rio de Janeiro e vice-versa, tais como Mãe Júlia, Mãe Nenê, entre outras, que criaram uma religião diferente do catimbó; era uma umbanda codificada. Havia iniciações, livros onde eram feitas orações e todo um organograma diferente do Terecô.*

O relato de Cleudo Junior, além de indicar para intensas incorporações históricas entre religiosidades da Amazônia<sup>2</sup>, corrobora com testemunhos de Pordeus Jr.(2002), segundo os quais D. Júlia Barbosa Condante, mais conhecida como Mãe Júlia, nascida em Portugal, instalou seu primeiro terreiro em Fortaleza no ano de 1948, no bairro de Benfica. A mesma foi para o Rio de Janeiro em 1952, onde fez sua iniciação na Umbanda e, ao regressar ao Ceará, trabalhou na codificação dos ensinamentos, registrando sua casa no departamento de polícia como Federação Cearense de Umbanda (da qual é fundadora), tendo redigido seus estatutos. E, *“de lá para cá a Umbanda cresceu no Ceará, onde fiz mais de 330 filhos de santo”*.

A análise de diferentes relatos e a busca de sua compreensão, neste contexto de circularidades que traçam “rizomas” para além do mundo local, nos insere em contextos de múltiplas itinerâncias. Segundo Rafael Samuel (1990) não podemos descuidar da história local, que requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no amplo nível de desenvolvimento nacional e que permite ao pesquisador “uma idéia mais imediata do passado, já

---

<sup>2</sup> Desde a seca de 1877 a migração de cearenses para o Maranhão e estados da Amazônia foi corrente.



que o encontra dobrando a esquina e descendo a rua, podendo ouvir seus ecos no mercado, ler seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos”, nem injunções com histórias transnacionais<sup>3</sup>.

## 2. Ogum Ogunhê: Mãe Virgínia de Albuquerque

Na busca desse saber local, que nos remeteu a diásporas transatlânticas, como o testemunho de Pordeus Jr (2000), tivemos conhecimento da significativa presença de religiões afrodiaspóricas em Portugal, como da trajetória de yalorixás (mães-de-santo) de Candomblé e Umbanda, que viveram e foram “iniciadas” no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, a exemplo de Mãe Virgínia de Albuquerque, nascida na cidade do Porto, a mesma morava com seus pais em Mafamude, em Vila Nova de Gaia e de sua trajetória de vida.

A instalação da Umbanda em Portugal, em particular em Lisboa, é resultante, dentre muitos fenômenos, da migração. Nos anos 50, inúmeras levadas de famílias portuguesas se dirigem para o Brasil, sendo que poucas retornam. Numa dessas vagas migratórias Mãe Virgínia migrou para o Rio de Janeiro com seus pais em 1950, então com 15 anos de idade. Foi “feita no santo”, na Umbanda, por Mãe Lucinda em 1960 em Jacarepaguá, Rio de Janeiro.

Segundo Pordeus Jr (2000), Mãe Virgínia retorna para Portugal em 1972, já então casada e com três filhos consangüíneos. O país vive uma nova fase de sua história, que se instaura após a revolução do 25 de Abril, com o aparecimento de novos cultos e comunidades religiosas e filosóficas como os Rosacruz AMORC. Nesse contexto abre seu primeiro terreiro em

---

<sup>3</sup> Em meados do século XVI entravam por ano em Portugal mil e duzentos escravos. Cf. LOUDE, Jean-Yves. *Lisboa na Cidade Negra*. Lisboa: Dom Quixote, 2005, p.36.



1974 em Lisboa, na Calçada Salvador Correia de Sá, e inicia suas primeiras filhas-de-santo: Mariazinha de Oxossi, Mariana de Oxalá (que atualmente já não está mais na Umbanda, pois foi para o Candomblé e tem sua casa na Quinta do Brasileiro), Conceição de Iemanjá e posteriormente Albertina, que depois vai para o Candomblé de Ketu e abriu casa em Almada. Muitos outros filhos serão iniciados, alguns permanecendo na Umbanda e outros migrando para o Candomblé.

Mãe Virginia aluga em 1988 um espaço no bairro do Benfica, em Lisboa, onde funda o Terreiro de Umbanda Ogum Megê (atualmente este não existe mais, tendo sido fechado no ano de 2007), posteriormente compra um terreno em Polima, onde constrói um grande terreiro. Segundo relatos de alguns filhos de santo entrevistados, este atualmente funciona precariamente, pois a mesma entregou a direção ao seu filho Pedro, devido a problemas de saúde.

Instigado por esses circuitos, desembarquei em Lisboa no mês de Fevereiro de 2008, disposto a investigar a realidade vivenciada pelas religiões afro-brasileiras ali existentes, especialmente o Candomblé, tendo em vista que alguns filhos-de-santo de Mãe Virgínia haviam migrado para ele, e com base em alguns depoimentos obtidos junto a babalorixás e yalorixás cearenses, por ocasião da realização de pesquisa de campo nos municípios de Fortaleza e Maracanaú, nos meses de Dezembro e Janeiro do corrente ano.

Um dos fenômenos que muito chamou atenção foi a oferta em jornais e revistas de todo o país de serviços mágicos-religiosos, ocorrendo a constante presença de profissionais como bruxos, videntes, pais e mães de santo recém chegados do Brasil, astrólogos, curandeiros, médiuns africanos que se auto intitulam de professor, mestre, etc. Tornei-me um fiel leitor desses anúncios, procurando compreender as necessidades que afligiam o cotidiano dos portugueses, e que mais apareciam nos anúncios desses especialistas em trabalhos ocultos, tais como: mau



**Anais**  
**V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil**

olhado, falta de sorte, álcool, drogas, inveja, dificuldade em engravidar, desavenças familiares, impotência sexual, depressão, sorte no jogo, falta de amor próprio, negócios, emprego, amarrações, problemas de amor, entre outros.

Para que se pudesse ter um melhor conhecimento da realidade sócio-histórica e da cultura e religião popular portuguesa, optou-se por uma pesquisa bibliográfica e documental, desenvolvida junto ao Centro de Documentação e Informação do Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT) que me acolheu como bolsheiro-investigador, no

Arquivo Nacional Torre do Tombo, na Biblioteca Nacional, na biblioteca do Palácio da Ajuda, na Sociedade Real de Geografia de Lisboa, na biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian. No entanto, durante minha estadia em solo português, tive contato com colegas pesquisadores e casas de artigos esotéricos, onde tive a possibilidade de obter informações e receber folhetos de divulgação de babalorixás e yalorixás existentes no país, conhecer pessoas e fazer amigos que me foram indicando terreiros e pondo-me em contato com o povo-de-santo<sup>4</sup>; dessa forma iniciei o trabalho de campo percorrendo Lisboa, Almada e Seixal, realizando entrevistas individuais e grupais gravadas, conversas formais e informais, participando de festas e rituais que foram fotografados e filmados.

A preocupação em entender o Candomblé em Portugal, enquanto espaço sagrado, religião, coloca-nos frente a uma linha de pesquisa em que a produção do conhecimento ocorre

---

<sup>4</sup> A expressão Povo-de-Santo tem um sentido sócio-antropológico, relacionando-se ao debate sobre identidade. A expressão aparece como reafirmação identitária, seja em termos de auto-declaração de adeptos das religiões denominadas afrodescendentes, seja em termos de exprimir representações sociais construídas sobre esses segmentos presentes no imaginário. Significa uma rede humana, que funciona em forma de família com o objetivo de afirmar um espaço de referência espiritual e social para os mais variados segmentos populacionais adeptos das religiões afro-brasileiras.



em torno de práticas culturais que se constituem na vivência das relações sociais, que remontam a comemorações, monumentos, lugares sagrados, festas e cerimoniais específicos; que nos remetem para o simbólico e o imaginário, sendo que o imaginário dá conta de representações sociais que são expressas através de símbolos. Segundo Cassirer (1997), o ser humano é possuidor de um espaço perceptivo e de um espaço simbólico, sendo capaz de efetuar processos de reconhecimento e identificação, de natureza complexa e que supõem a memória e ressignificação contínuas.

Pordeus Jr (2006) identificou catorze terreiros de Candomblé e Umbanda espalhados por Portugal, enquanto que para Clara Saraiva (2008), existem quarenta terreiros de Candomblé e Umbanda instalados em solo português. Nesse contexto de crescimento das religiões afro-brasileiras em Portugal, ao longo da pesquisa optei por frequentar principalmente três terreiros: o terreiro de Candomblé Ketu da Yalorixá Tina de Oyá, o terreiro de Candomblé Nagô da Yalorixá Mariana de Xangô e o terreiro de Umbanda de Omolocô do Babalorixá João de Iemanjá, que possuem em comum o fato de seus dirigentes terem sido iniciados, no passado, por Mãe Virginia de Albuquerque, que é considerada e reverenciada como a primeira mãe-de-santo de Umbanda em Portugal.

A história de vida dessas casas, e de seus fundadores, trazemos, de forma resumida, nesta comunicação de pesquisa:

### **3. Epahei! : Mãe Tina de Oyá**

Maria Albertina Bernardo Gonçalves, conhecida como Mãe Tina de Oyá ou simplesmente Yá Tina, como é chamada por seus filhos-de-santo, nasceu no Montijo, em Portugal. Seus pais perderam quatro filhos anteriormente, e após 16 anos sem engravidar



**Anais**  
**V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil**

resolveram tentar novamente. Sua mãe ao saber que estava grávida procurou um curandeiro chamado Joãozinho de Alcochete que, segundo mãe Tina (2008), disse: *“Você vai ter uma menina, e ela virá com uma grande missão, mas antes dela nascer é necessário que tragam a roupa dela para que se possa benzer”*. E assim foi feito, e a menina chorou na barriga da mãe e nasceu de bunda.

Segundo Moisés do Espírito Santo (1990:20), nas aldeias, vilas ou cidades de Portugal, *“continuam a praticar ritos vindos do fundo dos tempos, inúmeras vezes condenados pelas instituições eclesiásticas ou mesmo pelos regulamentos municipais. Religião cristã, magia, feitiçaria formam um todo coerente no seio das camadas populares, que recorrem aos mesmos...”*. Isso faz crer que as práticas religiosas do catolicismo popular português não diferem, ao contrário, muito se assemelham às práticas encontradas no Brasil e na América Latina.

Albertina trabalhava como cabeleireira, possuindo seu próprio salão e uma boutique. É iniciada por Mãe Virginia na Umbanda em 1979, passando posteriormente a realizar sessões de Umbanda em seu próprio apartamento. Em 1984 instala seu primeiro terreiro de Candomblé na Cova da Piedade, em Almada, possuindo no mesmo local um ervanário. Atualmente neste local funciona seu consultório denominado *“SPA dos Orixás”*, onde atende ampla clientela que a ela recorrem em busca de soluções para seus problemas.

*Não me sentindo realizada deparei-me com a obra de Jorge Amado em que falava da Bahia de Todos os Santos, sobre o terreiro de minha mãe Olga, falava de vários terreiros, aí despertou a minha curiosidade e quando olhei a fotografia de Mãe Olga, uma coisa perfeita. Contatei com ela pelo livro e pelo telefone; foi quando dei as minhas primeiras passadas até ao Brasil a procura de meus horizontes.* Mãe Tina foi iniciada no Candomblé por Mãe Olga de



Alaketu em 1986 e diz que: *minha primeira obrigação foi feita em São Paulo, pois ela possuía terreiro em São Paulo e na Bahia, nos anos seguintes é que fui para a Bahia.*

Em 1987 constrói seu terreiro, o *Ilê Omo Orixá de Oyá Kuitéchina Oba*, localizado na Quinta de Santo Antônio da Roneira, na Vila Nova da Caparica, em Almada. Em 1989 acolhe em seu terreiro o Babalorixá Nilsinho, filho biológico de Olga de Alaketu, separando-se do mesmo em 1996, pois este funda seu próprio terreiro em Sintra; posteriormente conhece o Babalorixá Orlando (Nando) do Rio de Janeiro, de Candomblé Ketu, que vem a Portugal ajudá-la por um período de dois a três anos.

Neste ano de 2008 completou 29 anos de iniciação no Santo e atualmente possui inúmeros filhos de santo espalhados pelo país, orgulhando-se de ter suas portas abertas para inúmeras pessoas que a procuram para serem iniciadas na “cultura dos orixás”, como ela mesma costuma dizer, e buscando solução para uma série de enfermidades do corpo e da alma. Costuma vir inúmeras vezes ao Brasil, que considera sua segunda pátria, pois sua filha biológica é casada com um cearense, a qual deu-lhe sua única neta. Costuma afirmar que “ *a família de seu genro é a família de sua neta, portanto, é sua família também, pois se escolheram no amor*”.

#### **4. Kawô Kabiesilê: Mãe Mariana de Xangô**

Mariana da Conceição Carvalho Pinto Gouveia, conhecida por Mãe Mariana de Xangô, ou simplesmente Mãe Mariana, como é chamada por seus filhos de santo, é natural de Lisboa, casada, possui dois filhos consangüíneos. Iniciou sua vida de santo por volta de 1973, então com 18 anos de idade, com D. Virgínia de Albuquerque, na Umbanda, a quem esteve ligada por doze anos, como afirma: “ *quando tinha 18 anos visitei uma senhora chamada D. Virgínia, que naquela época tinha uma loja, ela chamou uma entidade que era o preto velho, depois da*



*entidade ir embora, D. Virgínia, a senhora a quem estive ligada por 12 anos, explicou-me que deveria fazer um desenvolvimento em casa dela, em Riva do Mouro, e assim percorri durante dois anos, dos 18 aos 20, indo à casa dela, uma vez por semana para fazer o desenvolvimento, uma vez que ela não tinha casa aberta, não tinha terreiro”.*

A senhora Virgínia a deu, na iniciação, como orixá de cabeça Oxalá, passando a mesma a ser chamada Mariana de Oxalá. Após um determinado período, Mãe Virgínia resolveu deixar a casa da Calçada Salvador Correia de Sá e as filhas de santo, que ficaram trabalhando sozinhas.

Um ano depois, final de Maio de 1984, deixa a mesma casa e procura a vida espiritual em outro sítio, conhecendo em 1985 Daniel. Segundo Sônia Caldeira (2008) “*mãe Mariana foi iniciada no Candomblé de nação Angola por Pai Daniel, babalorixá brasileiro que vivia cá em Portugal, eles se conheceram no terreiro de mãe Virgínia. Entrei como abiã em 1985, seis anos depois, em 1991, fiz minha primeira obrigação com mãe Mariana, que na altura estava na nação Angola, porque ela não passou logo para o Nagô, a nação que nós tínhamos era de Angola, eu fui feita no Angola, ainda tenho a roupa do meu santo”.*

Em sua busca por um novo terreiro para continuar na vida espiritual, por volta de 1990, visita o Brasil passando um ano pesquisando e visitando terreiros em Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia e São Paulo. Nesse circuito itinerante, participa da festa de Xangô, realizada no terreiro Tenda de Miralá, em Jandira, São Paulo, onde veio a conhecer Mãe Margarida de Miralá, de Candomblé nação Nagô, sendo que “*por volta de 1990 fui ao Brasil, fiquei na casa de Miralá, um ano depois, em 1991 iniciei a feitura, aí me foi dado o orixá Xangô com Oxum, digina de Xangô Obagodô e Oxum Arami; sete anos depois voltei, aliás, ia todos os anos lá dar obrigação ao orixá. Sete anos depois fiz a confirmação do mesmo orixá, fiquei com o mesmo orixá, mas no mesmo ano fiz a feitura de Caboclo, porque na nação Nagô exige a feitura do*



*Caboclo, que é o índio, recebi o Sete Flechas, pois é com o Caboclo que nós trabalhamos para dar ajuda às pessoas que nos batem a porta”.*

No dia 20 de Janeiro de 1985, na festa de Oxossi, inaugura seu terreiro na Quinta do Brasileiro, onde permanece até hoje, denominado Terreiro de Xangô Obagodô, que afirma ter construído com a ajuda de seus filhos de santo, amigos e clientes. Constantemente viaja ao Brasil, como fez no final de 2007, ao vir à Bahia para tomar obrigação no Pilão de Prata com o babalorixá Ari, devido Mãe Margarida já ter falecido. Possui uma vida dedicada ao culto dos orixás, possuindo um calendário de festas e consultas de caridade, iniciando inúmeros filhos de santo no culto Nagô e atendendo uma diversificada clientela, em sua grande maioria de portugueses, que a ela recorrem em busca de orientação e formação. Neste ano de 2008 fez 33 anos de santo, tendo em vista que foi iniciada, na Umbanda, em 1975.

### **5. Alodê, Odofiaba: Pai João de Iemanjá**

Antônio João Matos Godinho, mais conhecido por Pai João de Iemanjá, ou simplesmente Pai João, é funcionário público da câmara do Seixal, casado, tendo esposa, filhos e netos que participam de seu terreiro. É filho de Iemanjá Sobá, Xangô Aira Eci, Oxoguiã e Oxalufã, com a digina de Ya Lomi Coê. É natural de Portalegre, localizada no Alentejo, em Portugal. É de origem africana, pois sua mãe Luísa era Angolana e seu pai Antônio era português. Segundo nos conta: *“costumo dizer que não tive brincedos em criança. Sou de origem africana, pois minha mãe era angolana, conhecia os orixás, embora com outros nomes, também ela fez uma trajetória. Praticamente nasci dentro de um barracão, interessei-me desde miúdo pelo conhecimento de toda a vida espiritual, ligando o orixá ao homem e o homem ao orixá; porque sem o orixá não há vida, e a vida depende rigorosamente deles, entretanto,*



*conheci vários terreiros de Umbanda em Portugal, fiz toda a minha iniciação porque minha mãe de sangue não me podia botar a mão na cabeça”.*

João de Iemanjá, ao se referir a sua iniciação, afirma: *conheci Virgínia de Albuquerque por volta de 1975, ela era uma portuguesa que foi para o Brasil, lá descobre a Umbanda, mais propriamente dita o Omolocô, vem para Portugal, funda um terreiro e desenvolve o próprio movimento religioso. Fui por ela iniciado em 1978, passando por todas as etapas, desde batismo, ser coroado, adoxado e cumprindo os anos de caridade que eram necessários fazer dentro do terreiro.*

Permaneceu ligado a mãe Virgínia por aproximadamente dez anos, após esse período começa a atender clientes em sua própria residência, o que faz durante vários anos, não abrindo terreiro próprio, mas sim, servindo como Pai Pequeno em outros terreiros de pessoas que queriam iniciar o culto, dentre os quais, o da senhora Maria do Carmo, localizado em Sesimbra, onde oficiou os cultos até o ano de 1996, quando a mesma pode assumir oficialmente a própria casa. Continuando sempre a atender em seu consultório e a fazer suas oferendas nas matas, no mar, nas cachoeiras.

É instigado a abrir seu próprio terreiro precisamente para desenvolver o movimento religioso e para possibilitar uma perspectiva de vida dentro do culto do próprio orixá. Seu primeiro terreiro foi aberto em 2002, numa localidade chamada Fanqueiro, no Seixal, sendo que: *começamos a dançar num quintal, embora já soubesse dançar pro santo, foi num quintal ao ar livre, chovia, tínhamos que esperar que o chão secasse, mas nada disso fez-me esmorece. Havia os assentamentos dos Exus tapadinhos com uma lona, havia a própria casa dos orixás, muito simples; mais tarde mudamos para um sobrado localizado no mesmo sítio, entretanto, alugamos uma loja na localidade de Cruz de Paus. Era uma loja de artigos religiosos, foi aí que fizemos o*



*barracão com todas as divisões. Com o tempo tornou-se pequeno, porque sempre tentei ensinar um caminho.*

A loja e o terreiro na Cruz de Paus, abertos em 2004, estavam localizados na Praceta Luis Barbosa, funcionando lá até Maio de 2007, ocasião em que muda para o atual terreiro, Ilê Palácio de Iemanjá, localizado no Fogueteiro, Seixal. Nesse percurso conhece o babalorixá brasileiro Dote Geovane de Oxossi, que não reside em Portugal, mas constantemente vai até este país para atender a inúmeros clientes e filhos de santo; tempos depois é iniciado pelo mesmo no Candomblé de nação Gege. Sua saída de santo ocorreu no dia 21 de Julho de 2007, não abandonando, contudo, a Umbanda de Omolocô.

Questionado por que resolveu ser iniciado no Candomblé, após tanto tempo de permanência na Umbanda, responde: *primeiro porque gosto de pesquisar, gosto de aprender, gosto de um dia poder deixar, e não serei já eu, uma novo caminho, porque todo o movimento religioso em Portugal se baseia numa questão fundamental que para mim é problemática, que é o dinheiro, em que muitos pais-de-santo dizem: “tens oô, tens orô, não tens oô, não tens orô”, traduzindo: “tens dinheiro, tens feitura, não tens dinheiro, não tens feitura”. Minha passagem pelo gege é para demonstrar que somos todos diferentes, mas todos iguais.*

Atualmente Pai João possui em seu Ilê giras ou xirês semanais, onde recebe sua Iemanjá, seu Caboclo Pena Branca, Exu Mirim, Zé Pilintra, Zé Marinheiro, Preto Velho Pai João, Tranca Ruas e Maria Padilha das almas, atendendo a uma grande clientela que acorrem a estes cultos públicos, em busca de orientação e solução para seus problemas; além de atender em seu consultório, iniciar filhos de santo e instruir aqueles que buscam o conhecimento religioso dos orixás.



## 6. Epa Bábá!: Algumas questões a serem sublinhadas

O convívio com o povo-de-santo em Portugal, a participação em festas, giras ou xirês nos fez perceber uma realidade pulsante onde a presença de jovens é marcante, existindo ainda um clima de competitividade entre os babalorixás e yalorixás portugueses e os brasileiros, tanto residentes no país, como aqueles que constantemente vêm para atender clientes e filhos de santo, residentes em solo português. Outra situação, ente outras, revelada pelos entrevistados é o preconceito existente contra as religiões afro-brasileiras, sendo seus participantes e sacerdotes taxados de bruxos, feiticeiros, charlatões, obrigando muito dos adeptos a ter uma espécie de vida dividida, tendo que ocultar sua pertença religiosa, visando o não prejuízo de sua vida profissional e social.

Nesse sentido, para podermos compreender melhor a presença das religiões afro-brasileiras em Portugal, como em outros países da Europa, seus antecedentes, suas diásporas, o desenvolvimento histórico-social dos terreiros, precisamos levar em conta suas migrações e metamorfoses em termos de : cosmovisão, culto, panteão, organização hierárquica, rituais, mitologia, teogonia, etc. Para que possamos, através de nossa participação em eventos, rituais e festas dos terreiros compreender as formas, as cores, os ritmos, os movimentos e toda a simbologia inerente aos cultos, sem perdermos de vista que “ as diásporas africanas e ameríndias disseminaram falares, cantares, evocações, crenças, costumes que, latentes, reativam esperanças de compartilharmos memórias, tradições, culturas, nesta outra margem do Atlântico, reatualizando formas e laços de pertença que pluralizam a dinâmica de nossas identidades” (ANTONACCI, 2003:9). Neste sentido, vem à mente o que disse o Exú Mirim, incorporado em Pai João de Iemanjá, a este pesquisador numa gira: “*perceba e escreva que : tem Exu do lado de lá, mas também tem Exu do lado de cá*”.



## 7. Bibliografia

ANTONACCI, Maria Antonieta. **Corpos sem Fronteira**. In. Corpo e Cultura. Projeto História (Revista do Programa de Estudos Pós-graduados do Departamento de História da PUC-SP). São Paulo, nº 25. dezembro de 2002.

\_\_\_\_\_. **Artimanhas da História**. In. Artes da História e Outras Linguagens. Projeto História (Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História do Departamento de História da PUC-SP). São Paulo, nº 24, junho de 2002.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BASTIDE, Roger. **O Candomblé na Bahia (Rito Nagô)**. 3 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

BERNARDO, Terezinha. **Negras, mulheres e mães**: lembranças de Olga de Alaketu. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

CALDEIRA, Sônia. “Entrevista realizada com Sônia de Xangô – Domi”, no dia 08/ 06/ 2008, na Quinta do Brasileiro, Seixal, Portugal.

CAPONE, Stefania. **A Busca da África no Candomblé**: tradição e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / Pallas, 2004.

CLEUDO JR. “Entrevista realizada com Junior de Oxum – Olutoji”. Babalorixá, filósofo e pesquisador da religiosidade afro-brasileira no Ceará. Dia 20/11/1999 na cidade de Fortaleza/CE.

\_\_\_\_\_. “Entrevista realizada com Junior de Oxum – Olutoji”. Babalorixá, filósofo e pesquisador da religiosidade afro-brasileira no Ceará. Dia 14/01/2008 na cidade de Fortaleza/CE.

COSTA, Sérgio. **Dois Atlânticos**: Teoria Social, anti-racismo, cosmopolitismo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.



ESPÍRITO SANTO, Moisés. **A Religião Popular Portuguesa**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1990.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma Poética da Diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GODINHO, João. “Entrevista realizada com o Babalorixá João de Iemanjá – Yá Lomi Coê”, no dia 04 / 03 / 2008, no Fogueteiro, Seixal, Portugal.

GONÇALVES, Albertina. “Entrevista realizada com a Yalorixá Tina de Oyá – Kuitéchina”, no dia 28 / 02/ 2008, na Cova da Piedade, Almada, Portugal.

GOUVEIA, Mariana. “Entrevista realizada com a Yalorixá Mariana de Xangô – Obagodô”, no dia 01/ 06/ 2008, na Quinta do Brasileiro, Seixal , Portugal.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2005.

LOUDE, Jean-Yves. **Lisboa na Cidade Negra**. Lisboa: Dom Quixote, 2005.

OMULU, Caio de. **Umbanda de Omolocô: liturgia, rito e convergência: (a visão de um adepto)**. São Paulo: Ícone, 2002.

PORDEUS JR, Ismael. **Uma Casa Luso-afro-brasileira com certeza: emigrações e metamorfoses da Umbanda com Portugal**. São Paulo: Terceira Margem, 2000.

\_\_\_\_\_. **Umbanda: Ceará em Transe**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.

\_\_\_\_\_. **Portugal em Transe**. In. Revista Ocultismo e medicinas alternativas. Lisboa, Outubro/Novembro de 2006.

SAMUEL, Raphael. **História Local e História Oral**. In. História em Quadro-Negro: escola, ensino e aprendizagem. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.9, nº19, set.89/fev.90.



Anais  
V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil

SARAIVA, Clara. “**Brasil e África em Lisboa:** migração e terapias na Umbanda e Candomblé ‘Lusófonos’”. Comunicação apresentada no III Encontro Internacional Migrantes Subsarianos na Europa. Lisboa, 02 de Junho de 2008.

TINHORÃO, José Ramos. **Os Negros em Portugal:** ma presença silenciosa. Lisboa: Editora Caminho, 1997.